

Faculdade de Ensino Regional Alternativa – FERA Pedagogia

Maria da Paz Carneiro de Souza

A Cultura no Processo Educativo – Uma Análise das Práticas na Escola Indígena
Brolhos da Terra

Arapiraca

2017

Maria da Paz Carneiro de Souza

A Cultura no Processo Educativo – Uma Análise nas Práticas da Escola Indígena
Brolhos da Terra

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em Pedagogia da Faculdade de
Ensino Regional Alternativa – FERA.

Data de aprovação _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Professor Esp.: Manoel Teixeira Pires

Orientador

Prof.^a Esp. Francisca Kelma de Oliveira Luz

1º membro da banca examinadora

Prof. Esp. Elvis Narciel da Silva Gonçalves

2º membro da banca examinadora

Arapiraca

2017

Maria da Paz Carneiro de Souza

A Cultura no Processo Educativo – Uma Análise das Práticas na Escola Indígena
Brolhos da Terra

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Faculdade de Ensino Regional Alternativa – FERA
como requisito parcial à obtenção do grau do curso de
Pedagogia.

Orientador: Prof. Esp. Manoel Teixeira Pires

Arapiraca

2017

Ao meu filho, razão que me faz buscar novas formas de conhecer. Ao meu esposo, pelo o companheirismo e apoio nessa jornada. A minha mãe por me proporcionar o impulso inicial na jornada acadêmica. Aos amigos e professores que me ajudaram a ir mais além com meus conhecimentos.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao professor esp. Manoel Teixeira Pires pelos os momentos das orientações e sugestões, das reflexões críticas que fortaleceram essa construção acadêmica.

Aos professores do curso de Pedagogia que me incentivaram e contribuíram para minha formação profissional.

Aos meus colegas do curso de Pedagogia, companheiros de luta nessa empreitada acadêmica.

A todos que direto e indiretamente contribuíram para realização dessa pesquisa.

Se a cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é porque ela é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si. Para analisar um sistema cultural, é necessário analisar a situação sócio histórica que o produz como ele é.

Georges Balandier 2011

RESUMO

Trata-se nesse texto da importância da cultura na educação escolar indígena que com suas diferenças e especificidades garante uma educação escolar própria, concretizada pelo reconhecimento, manutenção e proteção da sócio diversidade indígena nas políticas públicas. Garantindo a reafirmação étnica dos povos indígenas que sofrem com a invasão de suas terras a mais de 500 anos, pelos estrangeiros que aqui chegaram, dizendo ser donos das terras brasileiras e dificultando as vivências dos nativos que aqui estavam. Acrescenta-se ainda um currículo que abrange todas as disciplinas da Base Comum com integração das disciplinas específicas e diferenciadas, visando satisfazer os anseios de seu povo, garantindo um ensino de qualidade em seu contexto educacional, fazendo estudos

entres outras culturas, mantendo assim, um trabalho que busca englobar a inclusão social e a interculturalidade. A partir deste contexto o presente trabalho objetiva mostrar como acontece a integração da cultura e sua importância para educação escolar indígena, garantindo tanto ao aluno como ao professor uma formação que sirva como complemento em seu processo de ensino – aprendizagem. Esse estudo fundamentará suas posições nas ideias de Luciano (2006), Banin (2012), Tessianari (2001), RCNEI(2005) e dentre outros. A partir de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevista com professores e Núcleo Gestor, foi aprofundado a análise sobre o assunto em questão. Dos resultados destacou-se que a valorização dos costumes, das crenças, das tradições e da cultura, acontece junto as lideranças indígenas, aos idosos e todo povo indígena local, em organizações coletivas. Também como a escola inclui a comunidade em seus momentos de interação dos conteúdos e projetos desenvolvidos dentro e fora do ambiente escolar, pois a mesma organiza momentos nos locais de apoio comunitários, respeitando e aceitando os conhecimentos dos Guardiões da sabedoria, as decisões das lideranças indígenas e organização curricular de sua escola, dando procedimentos ao que se chama escola diferenciada. Essas são algumas das formas entendidas como caminho para melhorar a qualidade de ensino nas sociedades indígenas, sem sair do foco dos resultados educacionais. Portanto, assim como o resto, os conhecimentos necessários a uma prática pedagógica, busca-se o respeito as diferenças. Sendo que sua organização de aprendizagem deve ser uma construção em diálogo com a comunidade atendida e os professores indígenas.

Palavras chave: Cultura, Escola indígena, educação, aprendizagem.

ABSTRACT

It is in this text of the importance of culture in indigenous school education that, with its differences and specificities, guarantees its own school education, concretized by the recognition, maintenance and protection of the member indigenous diversity in public policies. Guaranteeing the ethnic reaffirmation of the indigenous people who suffer with the invasion of their lands more than 500 years, by the foreigners that arrived here, claiming to be owners of the Brazilian lands and making difficult the experiences of the natives that were here. It also includes a curriculum that covers all the disciplines of the Common Base with the integration of specific and differentiated disciplines, aiming to satisfy the aspirations of its people, guaranteeing a quality education in their educational context, doing studies among other cultures, thus maintaining a Work that seeks to encompass social inclusion and interculturality. From this context the present work aims to show how the integration of culture and its importance to indigenous school education happens and guarantee both the student and the teacher a training that serves as support to those who can in their teaching - learning process. This study will base their positions on the ideas of Luciano (2006), Banin,. From a qualitative research carried out by means of an interview with the teachers and Núcleo Gestor, the analysis on the subject in question was deepened. From the results it was highlighted that the valorization of customs, beliefs, traditions and culture, together with indigenous leaders, the elderly and all people in general in collective organizations. Also how the school includes the community in its moments of interaction of the contents and projects developed inside and outside the school environment, because it organizes moments in the community support places, respecting and accepting the knowledge of the Guardians of wisdom, the decisions of indigenous leaderships And curricular organization of its school, giving procedures to what is called differentiated school. These are some of the ways understood as the way to improve the quality of education in indigenous societies, without leaving the focus of educational results. Therefore, like the rest, the knowledge necessary for a pedagogical practice, which respects the differences, their learning organization must be a construction in dialogue with the community served and the indigenous teachers.

Keywords: Culture, Indigenous school, education, learning.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	CULTURA INDÍGENA	14
2.1.	CRENÇAS E TRADIÇÕES INDÍGENAS	17
3.	COMO A ESCOLA INDÍGENA VALORIZA A CULTURA	22
3.1.	OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA	33
3.2.	O PERFIL DO PROFESSOR INDÍGENA	38

3.3.	CURRÍCULO DA ESCOLA INDÍGENA BROLHOS DA TERRA	40
4.	METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA	45
4.1.	DADOS COLETADOS	51
5.	CONCLUSÃO	53
6.	REFERENCIAS	55

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

1. INTRODUÇÃO

A cultura no processo da educação escolar indígena no Brasil, vem sendo constituída pelo o reconhecimento de diferentes etnias com histórias, línguas próprias, saberes, crenças, culturas e tradições. Sendo que esses grupos étnicos se dispõem de seus próprios processos de formação de pessoas, socializando conhecimentos, modos de constituições de saberes e transmissões culturais para as gerações futuras mobilizando agentes para fins educacionais.

Nesse sentido a cultura é formada por um conjunto de manifestações envolvendo tudo o que o homem ao longo da história produz, desde as situações mais simples às mais complexas, revelada por meio de religiões, costumes, artes, saberes, princípios, valores e etc. A educação escolar tem o papel de respeitar essa diversidade buscando transmitir e desenvolver nos alunos o sentimento de respeito pelos os povos em suas diferentes culturas, tendo clareza da necessidade de suprimir a homogeneização tão disseminada pelos os meios de comunicação.

Vale ressaltar, que a educação escolar indígena traz consigo uma das ferramentas importantes para seu fortalecimento na luta pelo seus direitos e deveres como cidadãos indígenas brasileiros, que as diferenciam das escolas não indígenas que é o ensino de cultura em seu contexto educacional. Por tanto, pode-se observar os preceitos educacionais

e a garantia de um tratamento diferenciado para essa educação na Constituição Federal de 1988, lei mais importante que rege o estado brasileiro.

Essa lei afirma que a educação é um direito público, subjetivo, sendo responsabilidade do estado a sua oferta gratuita, a todas as pessoas. Desse modo o poder público não pode se apoderar da responsabilidade dessa oferta educacional gratuita, inclusive as comunidades indígenas, para as quais a lei assegura, também, um tratamento diferenciado.

A Constituição reconhece com relação aos índios, no Artigo 231 “ sua organização social, costumes, línguas crenças e tradições” e no Artigo 210, § 2º “ a utilização de línguas maternas e processo próprio de aprendizagem”. Vale ressaltar que um dos aspectos mais relevantes da educação escolar indígena é sua maneira própria de educar de acordo com a pedagogia indígena, sabe-se que são distintas as maneiras de educar, assim como as culturas indígenas e é para essa diferença que a instituição escolar precisa se abrir.

Portanto, é importante salientar que a valorização em cada cultura e nas diferenças de cada povo, faz -se compreender que cada etnia possui sua riqueza, seu jeito de ser, pensar, agir e de viver, em uma sociedade que sofre a cada dia a desigualdade entre as pessoas, principalmente aquelas que visam contribuir no favorecimento da interculturalidade como um exercício que deve ser praticado, tanto na escola indígena como na não indígena.

Nessa perspectiva, constrói-se o enfoque no trabalho a partir de um campo de pesquisa, com base em uma perspectiva metodológica qualitativa. O trabalho foi organizado em cinco capítulos, conforme descrito abaixo:

No primeiro capítulo, fala da busca de um entendimento sobre a importância da cultura indígena na educação escolar indígena, visando compreender a valorização teórica e prática sobre o estudo das disciplinas diferenciadas que se integram no currículo e na

metodologia do ensino para os indígenas. Portanto, pode-se dizer que a cultura é compreendida como a totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvido pelo o ser humano.

Desse modo, pode-se dizer que a cultura se apresenta através da música, literatura, arte, dança e etc. onde se destina a interpretação pessoal envolvendo professores, lideranças culturais e religiosas. Mantendo sempre uma exigência global que se liga a um esforço de informação e valorização, no sentido de aprofundar as crenças e tradições, graças à organização local de cada povo.

Diante da temática, toma-se por referência os estudos de Santos, Moreira, Aílton, Krenak, dentre outros.

Para possibilitar uma melhor compreensão do tema abordado, apresenta-se no segundo capítulo, como a escola valoriza a cultura, onde será feito uma análise nas práticas pedagógicas, da Escola Indígena Broelhos da Terra, dando – se início pelo histórico da mesma que apresenta do início a realidade a atual, observando a integração dos conteúdos diferenciados com os livros didáticos e como é realizada as pesquisas pelos alunos e professores.

Vale ressaltar que a escola é um espaço onde a juventude indígena discute os meios de como enfrentar os desafios de preservar sua identidade cultural, a valorização de seus hábitos, de suas raízes culturais e as oportunidades que para os indígenas não são as mesmas dos brancos. Esses jovens são constantemente vítimas de discriminação, esse é um dos aspectos mais preocupante, por que ao mesmo tempo em que sobrevivem em seu mundo, lidam com os costumes das cidades.

No terceiro capítulo será abordado o tema, Como a Escola Indígena Broelhos da Terra valoriza a cultura, para que se possa entender como se dá o envolvimento do aprendizado coletivo, com relação as práticas diárias entre alunos e professores.

Observando como se concretiza diariamente no início de cada turno, se acontece individual ou em momentos coletivos na escola, nas reuniões comunitárias e nos eventos culturais da comunidade, pois acredita-se que a escola é comunidade e a comunidade é a escola.

Vale salientar, que nesse contexto de ensino aprendizagem pode-se formar novas concepções de questões relacionadas a inclusão social, oferecendo um currículo que contemple os anseios das sociedades indígenas brasileiras, com um ensino específico e diferenciado, assegurando sempre um ensino de qualidade, reafirmando sua identidade com um sentimento de orgulho de ser índio, recuperando sua autoestima perdida ao longo dos anos de repressão colonizadora.

No quarto capítulo será abordado a metodologia com o tema, análise de Dados da Pesquisa com Professores e Núcleo Gestor. Esse processo se dará por meio de um questionário elaborado de acordo com tema em pesquisa, onde será respondido de acordo com as vivências e experiências diárias de cada profissional, para que se possa entender melhor como se dá a integração e a formação da interdisciplinaridade, tendo como diferencial as disciplinas diferenciadas e as metodologias de trabalhos voltadas para o movimento indígena, sem esquecer dos momentos de coletividade do alunado, professores, lideranças, idosos e a comunidade geral.

Acredita-se que será apresentado também como a escola trabalha e motiva os alunos na inserção das disciplinas diferenciadas, com base em sua identificação étnica, seu modo de vida, com relação a seu diferencial de ensino em seu currículo escolar, práticas pedagógicas e em suas metodologias. Acrescenta-se que seja organizado em um processo dinâmico que facilite o melhor aprendizado dos alunos.

Vale ressaltar que no quinto e último capítulo, será concluído todo o processo sobre o tema em pesquisa, dados coletados que tratará como se deu toda organização. Observar a busca dos os professores em suas formações acadêmicas para garantir uma boa qualificação para seus alunos e como se dá seu processo de ensino diferenciado, incluindo as disciplinas diferenciadas com as da Base Comum, assegurando aos alunos e comunidade um ensino de qualidade.

Diante disso, este trabalho torna-se relevante, pois visa se inteirar com o processo de valorização da cultura, da organização curricular, da formação do aluno e do professor indígena, dentre outros. Pelo o qual é possível analisar em várias situações como vem sendo o ensino nas sociedades indígenas no Brasil. Além disso pesquisas como estas propiciam uma visão geral de como o tema cultura na educação escolar indígena é trabalhado em suas instituições de ensino. Possibilitando aos futuros pesquisadores e leitores uma visão como o ensino e a aprendizagem se concretizam nas instituições indígenas a partir do que é estabelecido na LDB (9394/2006) e colocado como proposta no RCNEI.

2. CULTURA INDÍGENA

A CULTURA NO PROCESSO EDUCATIVO – UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DA ESCOLA INDÍGENA BROLHOS DA TERRA

Falar da cultura indígena hoje, faz -se necessário o reconhecimento da cidadania indígena brasileira que, conseqüentemente, sofrem pelas as invasões de suas terras pelos os estrangeiros desde décadas e mais décadas e que vivem em constante luta pela demarcação de seus territórios, pois devido a essa grande organização dos povos indígenas, através da valorização das culturas indígenas e de sua luta pela terra, que possibilitou uma nova consciência étnica dos povos indígenas do Brasil

Tendo em vista que a maioria desses povos foram catequizados e obrigados a perderem sua língua própria, suas crenças, tradições, culturas e seus costumes, mesmo sofrendo preconceito mantiveram uma forma própria de garantir sua ancestralidade pela cultura de deixarem registro de sua existência através da a arte, que permaneceu como uma manifestação presente em todos os povos e culturas, de diferentes tempos e lugares.

“Os povos indígenas do Brasil vivem atualmente um momento especial de sua história no período pós- colonização. Após 500 anos de massacre, escravidão e repressão cultural, hoje respiram um ar menos repressivo, o suficiente para que, de norte a sul do país, eles possam reiniciar e retomar seus projetos sociais étnicos e identitários. Culturas e tradições estão sendo resgatadas, revalorizadas, e revividas.” (Luciano, 2006, p.)

Para esses povos, a prioridade é fortalecer a identidade e promover a valorização e a continuidade de suas culturas, de suas tradições e de seus saberes, para que possam viver livres em suas terras que tradicionalmente ocupam, cuidando, preservando e garantindo para futuras gerações. Os povos indígenas lutam incansavelmente pela sua existência, mesmo sendo muitas vezes agredidos, direitos violados, não desistem de lutar por tudo aquilo que é seu de direito.

É importante destacar que cada povo tem sua cultura que a desenvolvem de acordo com sua identidade indígena, seus costumes e jeito próprio de ser e de viver, valorizando seus cantos, danças, caracterizações e manifestações simbólicas que representam sua ancestralidade. Como diz Gilberto Gil Moreira “No Brasil, as culturas das nações indígenas são formadoras de nossas identidades e possuem uma grande sofisticação simbólica, arquitetônica e estética. ”

Com base nesse autor pode-se observar que entre os povos indígenas existem práticas que são vivenciadas e que representam uma característica específica que as diferenciam, que são a arte e o artesanato, sendo que a arte é praticada na música, que através dela os povos tradicionais encontraram uma forma de contar suas histórias, chamar os encantados, valorizar sua cultura com a presença da dança que possui funções similares as das músicas nas sociedades indígenas. Acrescenta-se assim na cultura indígena no conteúdo escolar no site toda matéria que:

“as culturas indígenas são, vias de regras baseadas na oralidade: contudo mesmo na ausência da escrita, uma diversidade de sinais e de outras formas gráficas cumprem um papel comunicativo.”(

<https://www.todamatéria.com.br>>História< data de acesso: 03 de março de 2017>)

Nesse sentido, pode-se ressaltar que as artes plumárias caracterizam cada povo com suas confecções de cocares, braceletes, colares, utensílios, dentre outras, como uma forma de aproximação entre as diversas culturas. Por fim todos praticam a pintura corporal, normalmente com desenhos que representam seus grupos étnicos, elementos carregados de simbologias de (animais de proteção, etc.), identificação através das formas geométricas, esses tipos de pinturas podem ser encontrados também em instrumentos, animais, utensílios, arvores, e etc.

A cultura dos povos indígenas está em todos os momentos de suas vidas, está nas formas de sobrevivência, de se relacionarem com os outros índios, de se relacionarem com a natureza, na forma de entenderem a vida, o mundo e seus elementos. Sabe-se que entre esses povos existem uma forma de se manifestarem que é através dos rituais, onde buscam forças para lutar pela terra, pela saúde, educação e etc.

Vale ressaltar que nos rituais de pajelança acredita-se na cura, através das orações, dos incensos, da força dos encantados que se buscam para fazer uma ligação com mundo espiritual, um fato vivido é que nesse momento todos precisam ficar descalços e com um pensamento positivo, para sentir a força da mãe terra e da natureza elevando seu pedido no que se acredita.

Segundo os saberes tradicionais se a pessoa que estiver participando de o ritual entrar calçada na roda e se alguma pessoa que estiver ali também, tiver com alguma força negativa passa para quem está calçado e, com relação aos pensamentos se quiserem conseguir seus objetivos, todos precisam estar com pensamento único, para que se possa obter um reflexo de cultura rica e transmissora de mensagens específicas para o que se quer alcançar.

Como diz a liderança Aílton, Krenak, MG “É claro que toda cultura é dinâmica, cheias de respostas para as provocações que aparecem e , muitas vezes, na formulação de soluções. Muitas delas voltadas

para a própria defesa cultural. Daí que muitas comunidades indígenas mesmo tendo sofrido enormes mudanças no aspecto mais aparente de sua cultura, mesmo aí onde parece tudo ter mudado profundamente, a força mais sutil da alma de um povo subsiste.”

Com base nesse autor, essa dinâmica que perpassa ao povos indígenas, busca força no momento das situações de conflito, através das culturas indígenas que são marcadas pela presença dos pajés, aos quais são responsáveis pelos os momentos de rituais de pajelança onde reverenciam os (ancestrais, as plantas, os animais, os elementos, os seres mitológicos dentre outros), bem como a mediação entre o plano material e espiritual, onde se busca a preservação e divulgação do conhecimento e organização de seu povo.

Os povos tradicionais buscam relacionar sua cultura com as demais respeitando-as e praticando-as de forma a valorizar e assegurar a permanência em suas bases organizacional, mostrando para o restante da sociedade que continuam em movimento e na luta por seu reconhecimento como tal. Buscando a compreensão principalmente aos órgãos governamentais e apoio aos demais movimentos sociais que lutam pelo seu bem-estar.

Por tanto, pode-se dizer que, a cultura indígena é formada por um conjunto de práticas que se caracterizam nas crenças, tradições, religiões, musicas, artesanatos, rituais dentre outras, sendo que a mesma abrange a produção material e imaterial de inúmeros e distintos povos em todo o mundo. Esses comportamentos se dão por diversas etnias cada uma com suas especificidades.

2.1 CRENÇAS E TRADIÇÕES INDÍGENAS

Os povos indígenas possuem suas crenças e diferenciados rituais religiosos, onde a religião dos índios brasileiros está associada aos mitos de cada povo, por que para os indígenas não usavam a palavra religião, mas sim uma ligação com a natureza e dela com

Deus, atualmente, com o surgimento de outras religiões dentro das aldeias indígenas estão conseguindo tirar de alguns índios essa tradição que vem sendo repassada de geração a geração.

Essa situação vem tornando parte dos indígenas sem sua cultura tradicional, esquecendo seus princípios e valores ensinados pelos ancestrais e valorizados por toda tribo, deixando assim, as lideranças indígenas em situações muito complicadas, por que não existe índio sem cultura. Isso faz lembrar a chegada dos estrangeiros as terras brasileiras mudando completamente o modo de vida dos povos nativos, como explica Luciano Baniwa a seguir:

“ A partir do contato, as culturas dos povos indígenas sofreram profundas modificações, uma vez que dentro das etnias se operaram importantes processos de mudança sociocultural enfraquecendo sobremaneira as matrizes cosmológicas e míticas em torno dos quais girava a dinâmica da vida tradicional.(Luciano 2006. p. 19)

Com base nesse autor, acredita-se na extinção das crenças e tradições de vários povos que torna uma preocupação com relação ao ser indígena que são pessoas que buscam manter seus ensinamentos dados pelos mais velhos da comunidade. Nesse sentido dificulta também na luta pela terra, pois como se identificar como índio se não tem nada de tal para apresentar? Que até sua história de vida muda, esquecendo suas raízes.

Vale ressaltar que os povos indígenas do Ceará acreditam ainda na força da natureza, dos encantados e no altíssimo Tupã é assim que se chama o Deus dos índios. Essas tribos mantem viva seus elementos de crenças diferenciadas mostrando em quem realmente acreditam. Mantendo esse processo de continuidade na educação de seu povo. Como apresenta uma professora indígena Tremembé de Itapipoca Sandra Virgínio de Sousa em uma oração feita a seu povo:

Nós Tremembé acreditamos

Em Deus que é nosso pai Tupã

Na terra que nossa mãe

Na mata que é nossa vida

Na lua e nas estrelas

que são nossas energias

No sol que é nossa luz

No trovão e no relâmpago

que são nossas previsões

Nas pedras e nos astros

Que são nossas armas

No fogo que é nossa visão

E em toda Atmosfera

Vivemos da força da terra

Que nos da energia

Para lutar e vencer nossas batalhas

Por isso somos povo da luta

Por isso somos povos Tremembé

Assim seja!

Nesse sentido, a professora em sua oração mostra a importância no que se acredita entre as sociedades indígenas que em suas crenças chamam atenção de pessoas que acreditam apenas no que vê, já os indígenas acreditam em tudo principalmente nos encantados que é de onde se ganha uma força que não se vê de onde vem, apenas sente e se concretiza através da força do pensamento. Todos esses ensinamentos são repassados nas aulas diferenciadas realizadas na sala de aula e no terreiro sagrado.

“A escola indígena tem de ser parte do sistema de educação de cada povo, no qual se assegura e fortalece a tradição indígena. A partir daí teremos elementos suficientes para uma relação positiva com outras sociedades”. (Freire, 2005, p.58).

Com base nesse autor pode-se observar como os povos indígenas se mantêm, trazendo seus saberes que se representam nos valores sociais e culturais, que são tradicionalmente repassados, através dos conhecimentos aprendidos na escola com os professores indígenas e com as pesquisas realizadas com lideranças e idosos das aldeias, para que suas relações étnico -raciais, econômica, política e pedagógica possam ser vistas de maneira sensível, responsável e investigativa na sociedade.

“precisamos conhecer as leis e as direitos indígenas por que nos temos direito a uma educação diferenciada. A escola indígena no passado tinha um papel civilizatório. Hoje isso mudou. São os próprios professores indígenas com suas comunidades que devem definir como sera a escola, porque isso tem relação com o projeto de futuro de cada comunidade indígena”.

(Professora Francisca Novantino, Paresi/MT)

No que se refere o autor é possível afirmar que a construção da identidade e respeito as diferenças, busca apropriar -se de uma identidade que é sua por direito. Portanto, mantém se vivo o questionamento em torno do saber que é produzido pela e na cultura, sendo difundida no meio social na mais diversa maneira da relação educação/cultura pelas as experiências e lutas democráticas pelas demarcações de suas terras.

“Somos seres humanos, o que aprendemos na e da cultura de quem somos e de que participamos. Algo que cerca e enreda e vai da língua que falamos ao amor que praticamos, e da comida que comemos à filosofia da vida com quem contribuimos sentidos ao

mundo, à fala, ao amor, à comida, ao saber, à educação e a nós próprios. (Brandão, 2002,p.141)

Nesse sentido, é importante destacar que origem, tradições e modos de vida própria fazem parte de uma identidade consciente de valor e riqueza da diversidade cultural dos povos nativos e originários que formam os diversos grupos étnicos diferenciados entre si, que apesar de obterem uma mesma identidade praticam diferentes culturas, como por exemplo, entre os povos indígenas do Ceará existem dois tipos de danças/ rituais que são: o Torem e o Toré.

É importante ressaltar, que essa diferença entre as danças/rituais é somente no passo da dança. Como afirma o Pajé Luís Caboclo: “E que a diferença é que o Toré é mais agressivo, os passos são fortes e o torem é mais suave.” Esses rituais representam para os indígenas a maior forma de resistência cultural, pois são organizados por músicas que traduzem em seus versos a sua própria história, com os movimentos tradicionais vividos no cotidiano, mantidos diariamente em suas práticas escolares.

Nesses momentos envolvem-se as músicas e as danças tradicionais de cada povo, onde se juntam nos espaços culturais (Terreiro Sagrado, morros, locais de retomadas e ambiente escolar) para o fortalecimento de suas crenças e tradições que estão envolvidas nesses dois aspectos citados, que através dessa junção acredita-se obter mais conhecimentos com os mais velhos para que possam dar continuidade aos saberes que garantem suas raízes permanente em seu habitat.

“O conhecimento nas sociedades indígenas é denominada pelos mais velhos. Mesmo que uma pessoa saiba todas as coisas sobre seu povo, sobre a sua tradição, se houver alguém mais velho presente naquele espaço, é de direito que o mais velho responda o que lhe foi perguntado (MUNDUKURU,2000,p.92 apud SIMAS: PEREIRA,2010, p.6).”

A escola indígena em seu processo de formação acadêmica tem o papel de atender todos esses conhecimentos e repassar a importância de cada momento de fortalecimento coletivo e individual de seus alunos, dando a eles o poder de fortalecimento de si próprio em cada situação que possam vivenciar. Esse processo vem sendo reforçado nos conselhos dados pelos mais velhos, que são de costumes respeitados por todos.

No entanto, o processo educativo cultural através do diálogo com outras culturas e outros saberes pode reorganizar o que muitas pessoas pensam a respeito do saber cultural e não há local melhor de trabalhar como na escola que é onde se pode transformar pessoas com pensamentos errôneos sobre a expressão de qualquer cultura seja elas do branco, do negro, do índio, dentre outros, merecem respeito por serem pessoas também.

Nesse processo, a educação escolar ao surgir e se desenvolver enquanto tempo educativo e novo espaço, deve basear-se, necessariamente, nos princípios de aprendizagem dos povos indígenas, conforme garante a Constituição do Brasil (1988) para se acrescentar outros conhecimentos necessários a vida atual. Esse tipo de conhecimento fornece subsídios para as múltiplas escolhas para atuação na vida social presente e futura.

3. COMO A ESCOLA INDÍGENA VALORIZA A CULTURA

A escola caminha lado a lado com o movimento indígena local, sem deixar de trazer para dentro da sala de aula os momentos de rituais, lutas, conflitos entre os poceiros, não -índios e índios, tudo isso é vivenciado dentro do contexto escolar, fazendo parte da formação de cidadãos críticos, conhecedores de sua própria história, de seus direitos e deveres garantidos na Constituição Federal de 1988.

Por tanto, falar da educação escolar da Escola Indígena Brolhos da Terra hoje, requer antes um breve histórico da situação de sua fundação até os dias atuais, levando em conta sua organização administrativa, comunitária, curricular e cultural.

A Escola Indígena Brolhos da Terra, foi criada pela necessidade da comunidade em ter uma educação que valorizasse a cultura, costumes, crenças, tradições de seu povo e por conta do preconceito sofrido pelas crianças e adolescentes que estudavam na escola convencional. Uma adolescente chegou a ser agredida com uma pedrada no olho, por um

aluno da escola regular dentro do transporte escolar, por conta que a mesma se identificava como índia, sofrendo constantes preconceitos.

Esse fato ocorreu em 2004, logo após o ocorrido, as lideranças junto à comunidade, se reuniram e decidiram reivindicar uma educação diferenciada. Foram até a Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC) e em nome da comunidade fizeram a reivindicação. No dia cinco (05) de fevereiro de 2005 recebemos a visita da Coordenadoria Regional De Educação (CREDE 2) que veio fazer a lotação de cinco professores : Erbene Rosa Veríssimo, Neusa Virgínio de Sousa, Cleidiane Castro de Oliveira, Sandra Virgínio de Sousa e Juliana Veríssimo Rosa, sendo que Erbene ocupou o cargo de professora-coordenadora.

A formação dos professores era apenas o ensino médio convencional, apenas uma professora tinha cursado o pedagógico. No ano de 2006, todos iniciaram um curso de licenciatura na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Quatro, conseguiram concluir e em 2009, todos ingressaram no Magistério Indígena.

A escola funcionava no salão comunitário da Associação dos Pequenos Agricultores de Buriti que servia para as reuniões e encontros da Comunidade onde também funcionava uma turma de jovens e adultos (EJA), no período noturno mantido pelo o município de Itapipoca-CE. A referida associação doou o local para o funcionamento da Educação Escolar Indígena.

Como tinha apenas uma sala, o espaço era pequeno e algumas turmas funcionavam nos alpendres das casas de professores que moravam próximo ao salão comunitário. Os professores eram contratados temporariamente pelo Estado, a merenda escolar, o material didático eram responsabilidade do município. Como nem o Estado, nem o Município pagavam as merendeiras, os professores eram quem tiravam do seu salário para dar uma gratificação para duas merendeiras. A escola oferecia as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil e Ensino Fundamental I da 1ª à 4ª séries, funcionando em horários intermediários.

Durante o ano de 2005 a escola foi mantida pelo município e a partir do ano de 2006 passou a ser mantida pelo Estado. Nesse mesmo ano acrescentou-se um anexo na Aldeia São José, devido à distância de locomoção de uma Aldeia para a outra.

No mesmo ano a comunidade fez uma reivindicação junto a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e conseguiu material de construção (tijolos e telhas), para a construção de outras salas de aula. Como o material não era suficiente então as professoras se reuniram e compraram as madeiras e o cimento, a comunidade contribuiu com a mão de obra e juntos construíram mais duas salas de aula, dois banheiros, e uma cantina. Com isso, as turmas que funcionavam nas casas dos professores passaram a funcionar na escola e aumentou mais uma turma.

A quantidade de alunos aumentava a cada ano e apesar da ampliação, o espaço ainda não abrigava todos os alunos e duas turmas voltaram a funcionar fora da escola: uma em uma barraca anexa à escola e a outra na casa da liderança e professora Erbene Rosa.

Outra dificuldade era as condições precárias do salão comunitário, a falta de eletrificação na comunidade e a falta de recursos didáticos. Por conta de tudo isso, professores e lideranças começaram a reivindicar junto a SEDUC e Governo do Estado, a construção do prédio da escola para oferecer uma educação de melhor qualidade. Após muitas reivindicações, deu – se início a construção da escola em abril de 2009, mas em junho do mesmo ano a construção foi interrompida pela justiça por conta de uma ação a pedido da empresa Nova Atlântida que se diz ter a posse da terra.

A comunidade enviou cartas para a FUNAI e Ministério Público pedindo providências. Em agosto a justiça deu causa favorável a comunidade e em setembro a construção foi reiniciada. Em agosto de 2010 a construção foi concluída, no dia 03 de setembro foi inaugurada, vale ressaltar que no dia da inauguração, o coordenador da 2ª CREDE de Itapipoca havia sido autorizado pela SEDUC para realizar a inauguração da escola, depois do ato de inauguração, comunicou as lideranças que tinha recebido um comunicado do advogado da Empresa Nova Atlântida algumas horas antes da inauguração,

a ordem de embargar a inauguração. Como não era uma ordem judicial, ele resolveu inaugurar a escola o mais rápido possível.

No dia 06 do mesmo mês, a escola começou a funcionar, no entanto, a empresa continua com o processo tentando fechar a escola. Em 2011 a Escola passou a ofertar o Primeiro ano do Ensino Médio. Em 2012 já oferecia o segundo ano do Ensino Médio. No mesmo ano, por unanimidade da comunidade em geral, a escola ganhou um novo nome: Escola Indígena Brolhos da Terra pois até então se chamava Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio de Buriti, o novo nome significa uma nova geração, sendo divulgado no Diário Oficial da União e significando mais uma conquista do povo Indígena Tremembé de Itapipoca-CE.

Atualmente, a escola oferta as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. Quanto ao quadro de professores há dezenove (17) professores, o núcleo gestor é composto por uma (01) diretora, um (01) secretário, uma (01) professora coordenadora de ensino (PCE) e um (01) Assessor Financeiro. Há duas (02) auxiliares de serviços gerais, uma (01) merendeira e um (01) porteiro, sendo que os mesmos são contratados por quatro empresas terceirizadas. Quanto a estrutura física a escola possui quatro salas de aula, cinco banheiros, almoxarifado, secretaria, diretoria, sala dos professores, sala de informática, sala de multimeios, cozinha, pátio e uma quadra poliesportiva.

As quatro salas de aula não são suficientes para atender todas as turmas, por conta disso, uma turma do Ensino Fundamental II funciona no turno noite. O povo Tremembé de Itapipoca está muito feliz com a conquista da escola que é de fundamental importância para o fortalecimento de sua cultura e valores. Depois de muitas lutas e reivindicações a escola conquistou também um transporte escolar e ainda dispõe de uma merenda de qualidade onde a autonomia da escolha dos itens também é da escola que seleciona um cardápio respeitando a culinária tradicional dos alunos.

Com base no histórico da Escola Indígena Brolhos da Terra, vale ressaltar que as dificuldades continuam sendo enfrentadas mesmo com garantia de seu funcionamento

mantida não somente na Constituição Federal de 1988, mas também nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. No que diz respeito a atual LDB, no art.78 que a União com suas cooperações com dependências de estímulo a cultura, oferta pesquisas para educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas com os seguintes objetivos:

I – Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II- Garantir aos índios, suas comunidades e povos, acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não indígenas

Observa-se que para assegurar esses objetivos necessita-se de um financiamento contido no artigo 79, que defina competências da União com relação a garantia dos sistemas de ensino no fornecimento da educação escolar indígena, por meio de programas inteirados de ensino e pesquisa, visando assim:

I – fortalecer as práticas sócio- culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II – manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III – desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV – elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

Dessa forma pode-se observar que a educação escolar indígena no Brasil, desde a década de 70 até os dias atuais vem conseguindo trazer resultados satisfatórios em suas instituições escolares, garantindo as populações indígenas as especificidades de cada povo com um ensino diferenciado de qualidade, pelo o seu reconhecimento como povo nativo e pela valorização das histórias, saberes, culturas e, na maioria das vezes línguas próprias.

“ A escola indígena é uma experiência pedagógica peculiar e como tal deve ser tratada pelas agencias governamentais, promovendo as adequações institucionais e legais necessárias para garantir às sociedades indígenas uma educação diferenciada, respeitando seu universo cultural”. (Decreto 1. 904/1996 que institui o Programa Nacional de Direitos Humanos).

Nesse sentido esse povo vem obtendo avanços significativos pelo o seu jeito próprio de ensinar, esse modelo de educação vem conseguindo trazer resultados satisfatórios dando apoio e fortalecendo seu povo na luta pela demarcação das terras indígenas, que foram invadidas pelos os estrangeiros a anos. Vale ressaltar que a luta é constante, pois, esses estrangeiros continuam tentando intimidar os nativos. Com suas ações de má fé dentro das terras indígenas, já estudadas, identificadas.

Mesmo com essas dificuldades, continuam resistindo, persistindo e jamais desistindo de ir em busca do que desejam alcançar, que de princípio trata-se da luta pelo o seu território e depois pela saúde e uma educação especifica e diferenciada, que valorize seus preceitos, com relação ao que é seu por direito. Portanto, apresenta-se a seguir um modelo próprio de educação escolar indígena.

O processo educativo da educação escolar indígena, caracteriza-se em quatro organizações próprias apresentadas no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI que são: educação intercultural, sendo que a mesma deve reconhecer e manter a diversidade cultural, respeitando todos os outros seres de identidade étnica diferentes, comunitária por que deve ser conduzida pela própria comunidade indígena em suas decisões, seus planos, suas concepções de acordo com suas organizações, seus precipícios e valores.

Específica e diferenciada por que mantem a autonomia de cada povo em determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não-indígena e é planejada de acordo com suas particularidades sem deixar de envolver a parte

bilíngue/multilíngue, onde se aprende as tradições culturais, as crenças, práticas religiosas, o pensamento sobre a educação das gerações mais novas.

Sabe-se que os povos indígenas de hoje a grande maioria falam em língua portuguesa, por que foram catequizados, perdendo então partes de suas línguas próprias, mas não deixam de usar a língua de seus ancestrais que são valorizadas como símbolo poderoso de seus traços que os identificam de acordo com seu grupo étnico. Quando se fala em língua própria alguns povos hoje encontram apenas palavras soltas, que atualmente, acredita-se serem de sua origem. Isso é visto nas aulas dadas pelos os mais velhos da comunidade. A partir daí:

“Então surgiu questionamento: que tipo de escola temos e que queremos? Porque, na verdade , a escola formal estava ou ainda está afastando o índio de sua própria realidade, fazendo-o esquecer e deixando a sua cultura de lado. Isso fez com que os professores, juntamente com as lideranças de cada povo, viessem a refletir melhor a questão da educação. Depois de muitas discussões, os professores e lideranças afirmaram que preciso uma educação diferenciada para as comunidades indígenas. Hoje, não em todas as escolas, mas na maioria, temos professores indígenas trabalhando na sua própria comunidade, onde ele é responsável pela a formação do aluno- índio”(Professor Orlando Oliveira Justino, Macuxi/ Roraima, Brasília, 2005,p.13)

Portanto, o professor indígena destaca em sala de aula que a cultura é de suma importância para a educação escolar indígena e se faz presente nas aulas específicas e diferenciadas que compõem o currículo da Escola Indígena Brolhos da Terra, para que possa ser valorizada a cada dia, o papel da escola é Valorizar e contribuir para manter a cultura viva e repassar de geração a geração, a importância dos rituais sagrados, das crenças, dos hábitos, práticas, dentre outros.

“as escolas indígenas são diferentes das escolas não indígenas porque possuem características de ensino próprias. Essas são grandes diferenças. Os regimentos escolares também diferem em vários pontos, como; calendário escolar, carga horaria, conteúdos,

metodologia de ensino, etc. É diferente porque trabalha respeitando as maneiras tradicionais dos velhos passarem os conhecimentos para os jovens. É diferente porque o professor é o principal autor de seus próprios materiais didáticos usados na escola e usa tanto o conhecimento na escrita quanto o conhecimento oral. A aproximação com a escola não indígena e pelo caráter de ensino que fazem em busca dos seus conhecimentos sociais e da cidadania”.(Professor Joaquim mana kaxinawa , T.I. Praia do Carapanã)

Com base no autor pode-se afirmar que nesse ambiente educativo busca-se formar cidadãos críticos e conscientes de sua realidade para saber lidar e conviver perante uma sociedade cheia de preconceitos, discriminação, que sejam capazes de lutar por seus direitos sem esquecer suas raízes e intensificar a busca pela conquista de uma terra onde possam viver livres.

A sala de aula é um ambiente transformador de pessoas dependendo da forma de ensino, por essa e outras razões é que a Escola Indígena Brolhos da Terra, mantém a prática dos momentos de rituais diariamente no início das aulas, em todos os turnos que mesma funciona, com a participação coletiva de todos os alunos e funcionários que formam a mesma, trabalha também a história de seu povo, os meios de sobrevivências, os saberes tradicionais, a cultura, dentre outros.

Vale ressaltar, que a escola ensina integrando conteúdo da base comum aos específicos da própria realidade, tendo como apoios as lideranças indígena, os idosos, as raizeiras, parteiras dentre outros que trazem os conhecimentos tradicionais de seu povo, a mesma oferece disciplinas específicas como a História Tremembé, Expressões Corporais, Cultura e Espiritualidade Indígena, onde é trabalhado a história de luta do povo Tremembé de Itapipoca, através de músicas, versos e etc.

Nesse sentido, entende-se que cada povo tem sua cultura por isso é necessário que sejam respeitadas, mas muitas vezes por não ser aceitas pela sociedade as pessoas

se sentem discriminadas, desvalorizadas e se tornam pessoas com baixa estima e temem em mostrar sua identidade, sua cultura, de onde vem, e ficam isolados do mundo, por que a sociedade cada dia está se tornando violenta e os direitos dos povos indígenas e dos demais, estão cada vez mais sendo violados, tornado assim, ainda mais difícil para novas conquistas com relação a terra, saúde e educação.

“A cultura é aprendida. Poderíamos dizer que ela não é uma ' herança inexorável' dos indivíduos, se não são os próprios que devam realizar percursos de inserção (aprendizagem na cultura de seu grupo. Um ser humano que não tenha essa responsabilidade, isto é, alguém que não cresça em contato com uma qualquer cultura, dentro de um grupo humano, sozinho não reinventa a cultura e nem inventa a sua própria- posto que se trata de algo da ordem do social e do coletivo”(GOMES, 2007, p.32).

No entanto, a escola busca amenizar as situações de medo, incapacidade, comportamentos perante a sociedade, diante do preconceito que se enfrenta no dia a dia, e para isso mantem um projeto chamado “ Dia Do Índio” realizado no mês de Abril, desde a fundação da escola, pois nele é trabalhado temas voltados para a realidade de resistência do povo Tremembé de Itapipoca, com aulas de campo, com no máximo de dez dias integrais, dependendo da necessidade da escola, sendo que o ultimo dia sempre foi dia 19 de Abril, com a visita de outras escolas, ONGs e demais pessoas.

Esse é um momento que também mostra para a sociedade que ainda existe índios, mais não aqueles de anos atrás que viviam nus e que não tinham nenhum conhecimento de outro mundo que não fosse o seu, pois deparam-se ainda com pessoas com essa visão de índio, pois os de hoje tem que andar nu, não pode possuir um transporte, que para muitas essas pessoas deixam de ser índios.

Durante esse período todos os alunos e professores estão em pesquisas de campo em todos os espaços da terra, visitando, fotografando, escrevendo e finalizando com um material escrito para acervo da escola, para que outros alunos possam fazer seus trabalhos

em cima daquele material elaborado pelos próprios colegas da escola. Assim acrescenta Tassinari (2001, p. 46) infere-se sobre essa questão da pesquisa:

“A escola indígena começa a ser vista também como espaço/momento privilegiado para o aprofundamento das próprias pesquisas sobre etno conhecimentos, e os professores e alunos Índios, por sua vez, revelam-se como pesquisadores e pesquisados no contexto local”. (Tassinari, 2001,p.46).

Como apresenta autora a importância que escola indígena tem para a sociedade em valorizar os seus próprios conhecimentos. Embora a escola indígena muitas vezes seja criticada pelo fato da educação ser integrada também na luta pela terra, tornando-se assim privilegiada para a pesquisa científica, pois essa instituição recebe muitas visitas de estudantes universitários fazendo pesquisas para realização de trabalhos científicos voltados para a existência dos povos nas comunidades tradicionais. Esses trabalhos são importantes, pois cada vez divulga para o mundo a existências de índios, principalmente do Ceará.

Para isso é necessário que os pesquisadores tenham consciência de que este mesmo espaço é local de construção de princípios e valores tradicionais existencial, de preservação étnica sustentável, que busca construir instrumentos de projetos autônomos e de uma valorização constante de sua cultura. Portanto, suas práticas precisam ser respeitadas e transcritas de forma verdadeira para que seja repassada para outros pesquisadores interessados.

... A educação indígena inclui tudo aquilo que somos e temos, materiais e espirituais. Muitos bens de uma etnia só são visíveis para os membros de sua etnia. Neste sentido uma autêntica educação indígena só poderá ser realizada pelos os próprios indígenas da mesma etnia(FERREIRA, 2007,p.159)

Com base nesse autor, observa-se que os profissionais da educação escolar indígena, devem ser os próprios indígenas para que seus conhecimentos, princípios e valores sejam repassados de geração a geração, dando continuidade na formação de cidadãos indígenas, para que os jovens indígenas possam sem medo lutar por sua existência, sobrevivência e garantia de sua moradia em suas terras que ocupam tradicionalmente. Sem deixar de valorizar e praticar sua cultura que é de onde se busca forças para manter -se firmes e fortes no contexto de desvalorização atual.

Observa -se que existem acontecimentos e momentos que somente os indígenas sabem manter e reagir diante de qualquer situação, porque tem-se uma crença na ancestralidade que é visível apenas para os que acreditam e meditam em sua religiosidade, que se mantem viva e praticada em vários momentos de rituais em seu cotidiano. Esses momentos não têm como explicar a situação e a forma de organizar, pois depende de sua crença naquele rito de fé e esperança.

Ressalto ainda, que alunado indígena junto aos professores indígenas formam um conjunto de saberes a enriquecer o currículo das escolas indígenas, garantindo a preocupação de assegurar seu espaço onde aprende através de conteúdos orais e escritos, sem medo do preconceito e da discriminação que muitas vezes enfrentam nos locais que frequentam. Nesse espaço escolar busca-se a compreensão da reação diante de uma situação vivida de uma não aceitação ao meio não indígena.

“ nosso papel como professor é este: pensar e descobrir o que esta acontecendo para que a gente possa melhorar, criando uma política de defesa e de maior esclarecimento sobre o que é nossa educação. Só assim vamos poder sentar juntos e ajudar uns aos outros .” (Professor Isaac Pinhanta, Ashaninka/Acre,2005, p. 31).

Portanto, busca-se compreender o real papel do professor indígena, referente ao modo de se comportar, que seja compatível com a organização social e cultural de seu povo. Mantendo firme suas regras e princípios, diante de certas situações, principalmente

quando surge problemas relacionados a seu convívio com a terra, à sociedade e o meio ambiente, que são de fundamental importância em seu contexto educacional.

Esses profissionais tem um perfil de respeitar e incentivar a pesquisa e os estudos dos conhecimentos junto as lideranças, caciques, dos mais velhos e dos demais membros da comunidade, aprimorando os processos educacionais agindo como um mediador e articulador das informações entre seu povo, escola e a sociedade envolvente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais -PCNs (1997, p.41) Constam que os alunos indígenas deverão ser capazes de:

“Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com os outros tempos e espaços; Organizar alguns repertórios históricos culturais que lhes permitem localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo, a formular explicações para algumas questões do presente e do passado; Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles”. (PCNs, 1997, p. 41).

De acordo com o autor observou-se que na pedagogia indígena, aprende-se a viver a vida em cada dia, buscando adquirir conhecimentos que se precisa para toda vida. Esses conhecimentos são aprendidos com os avós, pais, tios, mãe e a comunidade pelo o exemplo e pela experimentação nas práticas pedagógicas de cada organização por cada professor em suas metodologias. As crianças e a juventude indígena participam ativamente e de maneira integrada da vida da comunidade em todos os seus momentos.

Observou-se que o trabalho na educação escolar indígena diferenciado é a afirmação e o entendimento de que tem existido historicamente formas próprias de educação e de que a pedagogia indígena constitui um valor fundamental, que deve também orientar os trabalhos escolares. Entretanto, entende-se que a educação é um conhecimento

que todo mundo possui em uma comunidade e que é de domínio de todos. Portanto, o método de ensinar os alunos são os professores que vão em busca, de acordo com o que se observa qual a melhor forma de seu aluno aprender.

3.1 O PERFIL DO PROFESSOR INDÍGENA

As sociedades indígenas desde o princípio que lutam por uma educação especificam e diferenciada que atendam às necessidades de aprendizagem de seu povo, portanto, buscam a partir de sua identificação uma forma de adequação a seus modos de viver, mesmo enfrentando diversos obstáculos para garantir uma educação do seu jeito, não desistem, embora essa educação escolar esteja assegurada pelas leis ainda necessita de muita luta pela conquista.

O professor indígena visa manter as heranças de seus ancestrais que são formadas por atividades espirituais, culturais, específica de seu povo, mantendo viva os ensinamentos que garantem uma organização que busca firmeza historicamente em seu cotidiano, de acordo com suas memórias tradicionais. Esse profissional tem o papel de transformar suas práticas pedagógicas não somente em ensino - aprendizagem, mas em momentos de valorização dos conhecimentos adquiridos ao longo de seu processo de vida.

Nesse sentido, o professor indígena busca sempre meios para lidar com as dificuldades vividas e enfrentadas no dia a dia na luta pela terra, saúde e educação, tendo que muitas vezes sair de sua rotina de trabalho no ambiente escolar, para junto a seu povo tentar afirmar os locais de acampamentos, que são retomados dos poceiros que atuam dentro de seu território. Esses momentos fortalecem a coletividade do próprio povo, juntando, crianças, jovens, adultos, idosos e lideranças indígenas.

Vale salientar que o profissional para atuar em uma escola indígena precisa ser índio e morar nas aldeias para que possa assegurar e manter as tradições, as crenças, os costumes dentre outros, para que não se percam como aconteceu a anos atrás e por isso

partes desses povos sofrem em busca de resgatar suas línguas próprias que foram transformadas em uma outra língua que não é a sua. Causando para sociedades indígenas grandes preocupações, em não aceitar professores não índios dentro de sua organização escolar.

Os Referenciais para Formação de Professores Indígenas (2002, p. 23-24) apresenta que o perfil de professores necessita de:

“Reconhecer-se e ser reconhecido como pertencente a comunidade/povo indígena em que funciona a escola; Ser apoiado e indicado pela a comunidade por meio de suas formas de representações política; Estar sensível às expectativas e as demandas da comunidade relativas a educação escolar de seus membros; saber dialogar com mas lideranças de sua comunidade, com pais e alunos (...).Desenvolver e aprimorar os processos educacionais e culturais dos quais é um dos responsáveis, atingindo como mediador e articulador das informações entre seu povo, a escola e a sociedade envolvente; Relacionar a proposta pedagógica da escola à proposta política mais ampla de sua comunidade relativa ao seu presente e futuro; praticar no seu cotidiano a coerência entre a expressão verbal e a prática.”(RFPI, 2002, p.23-24).

Portanto, mesmo o professor sendo indígena ainda existem vários critérios, o mesmo precisa está de acordo com os preceitos da comunidade, seja envolvido no movimento e com características de um líder para contribuir nas ações, organizações, com um sentimento de amor pela a luta na demarcação de sua terra. Ser conhecedor das leis que regem os direitos dos povos indígenas, devendo ter estratégias que possam resolver problemas dentro e fora de sua terra.

O professor indígena deve possuir em seu trabalho princípio norteador que valorize o fortalecimento das diversas identidades indígenas, mantendo um sentimento de pertencimento étnico de seu povo, incluindo as práticas culturais e línguas faladas em suas etnias. Deverá fortalecer valores, atitudes, habilidades e competências referenciadas em conhecimentos próprios de seu modo cultural, aportando nas práticas indígenas, nos saberes específicos em cada nível de ensino.

Precisará praticar e adotar a interculturalidade e o bilinguismo para a construção, desenvolvimento, programas próprios, avaliações e currículos. Conhecer bem a cultura, a história de seu povo e dar bom exemplo. Além disso deve ter conhecimento geral do mundo atual, principalmente das disciplinas que se pretende lecionar, deve ser conhecedor das diretrizes das escolas indígenas e das não indígenas, para saber como integrar as especificidades de cada povo em suas metodologias.

Portanto, vale acrescentar que para ser professor indígena precisa-se contemplar com algumas necessidades que as sociedades indígenas apresentam na escolha dos professores como cita os Referenciais Para a Formação dos Professores Indígenas (2005, p.23) a seguir:

Reconhecer-se e ser reconhecido como pertencente à comunidade/povo indígena em que funciona a escola.

Ser apoiado e indicado pela a comunidade por meio de suas formas de representação política.

Relacionar-se de forma respeitosa com a comunidade, ajudá-la nas dificuldades e defender seus interesses.

Saber dialogar com as lideranças de sua comunidade, com pais e alunos.

Ser conhecedor e transmissor dos direitos e deveres das sociedades indígenas no país e no mundo.

Desenvolver e aprimorar os processos educacionais e culturais dos quais e um dos responsáveis, agindo como mediador e articulador das informações entre seu povo, a escola e a sociedade envolvente.

Esses são uns dos que formam o conjunto de critérios idealizados por suas comunidades, como formas de referências para o perfil do professor indígena, para assim, atuar nas práticas educacionais de suas instituições escolares. Garantindo também uma formação e atuação fundadas nos princípios atuais e objetivos da educação diferenciada,

para que suas metas possam ser atingidas, de acordo com seu currículo escolar. Algumas dessas formulações foram apresentadas no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (MEC, 1998) como objetivos para educação escolar indígena: “ Contribuir para que se efetive o projeto de autonomia dos povos indígenas, a partir de seus projetos históricos, desenvolvendo novas estratégias de sobrevivência física, linguística e cultural, no contato com a economia de mercado(Professor Gerson Baniwa); Ser instrumento para a interlocução entre os saberes da sociedade indígena e a aquisição de outros conhecimentos: pontilhão de dois caminhos, lado a lado, de conhecimentos indígenas e não- indígenas “(Professora Darlene Taukane); Desenvolver a capacidade de discutir os pontos polêmicos da vida da sociedade envolvente e oferecer à comunidade indígena a possibilidade de crítica e conhecimento dos problemas”(Professor Walmir Kaingang).

Vale ressaltar que ser um bom professor indígena não é aquele que fica preso em quatro paredes, mas que coloca as suas tradições e costumes na prática, não esquecendo que todo povo tem sua história e que precisa ser valorizada e muitas vezes resgatada. Portanto, esse profissional precisa ser uma pessoa integrada à comunidade, fazer o que for necessário para ensinar aquele povo, pois a sua história e nem sua cultura podem morrer.

A educação escolar não se realiza sem que a sua frente estejam os professores, lideranças e a participação da comunidade indígena, pois a mesma acontece preferencialmente se os profissionais forem falantes da língua materna dos alunos da escola. De acordo com a resolução nº 3/99 determina que os professores tenham uma formação específica para educação intercultural e bilíngue. Garante-se além disso que essa formação seja realizada em “serviço “e, desenvolvimento de competências entre professores, quando necessário.

“ A formação de índios como professores das escolas localizadas em terras indígenas, é hoje, um dos principais desafios e prioridade para a consolidação de uma Educação Escolar Indígena pautadas pelos os princípios, da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade”. (Grupione, 2006, p. 50)

Nesse sentido o autor aponta que essa formação é referenciada em conhecimentos relevantes para as comunidades como: valores, atitudes e habilidades num determinado momento histórico. Pode-se dizer que os professores indígenas de forma geral são os mediadores das relações sociais que se estabelecem dentro e fora da aldeia, por meio também da escola, por isso são considerados excelentes capacitadores.

Mesmo com essa realidade de bons educadores continuam na luta por um concurso público específico para os indígenas. Pois a anos que trabalham por contrato, sem direito e nem garantia de sua efetivação como professor indígena, acreditando nas leis que asseguram, mas para obter necessitam de muita luta. Apesar de haver poucos professores formados em cursos específicos como; Magistério indígena, faculdades interculturais, tem o direito garantido, mas quase sempre negado.

“Hoje em sua maioria contratos pelo o Estado, a quem se subordinam como funcionários públicos, dependentes do salário e das políticas de formação e capacitação profissional, que tendem cada vez mais a da resposta a esse sistema que ao submeter-se ao controle social de suas próprias comunidades. Hoje poucas são as comunidades que controlam efetivamente suas escolas e seus professores de modo que se constata, cada vez mais, que a educação indígena diferenciada tem sido conduzida mais pelos os professores indígenas, do que propriamente pelas comunidades indígenas, como se veicula nos documentos oficiais”. (Grupione, 2009,p.61)

Com base no autor, observa-se que os professores se tornaram parte essencial no desenvolvimento efetivo das escola indígenas, sendo que muitas vezes a comunidade perde sua autonomia diante dos responsáveis pela a instituição indígena, por seguir o que o estado propõem com relação sua organização e controle que se diferencia das não indígenas, por que se fecha a um sistema que os leva a se tornar contra seu próprio povo, valorizando mais as instituições que as mantem, esquecendo toda aquela luta pelo o direito a uma educação específica e diferenciada.

Essa é uma das situações preocupantes para o juventude indígena, como se relaciona com o que foi finalizado em um documento final do IX encontro dos professores indígenas do Amazonas, Roraima, Acre e Manaus, em 1996 “ É necessário formar e valorizar profissionais voltados para a própria comunidade, visando a nossa autonomia e para que as escolas sirvam como instrumentos para permanência dos jovens em nossas aldeias e não como porta de saída.”

Vale ressaltar que essa preocupação continua sendo discutida com a juventude, por concluírem o Ensino Médio e não existir possibilidades para continuar em suas aldeias precisam sair em busca de emprego, por entre seu povo não haver essa oportunidade por não existir empregos que possam ser oferecidos esses jovens, dando motivação aos demais em estudo. O que mais se houve é estudar pra que se quando eu terminar não tenho um emprego para dar continuidade em meus estudos?

Sendo assim, acredita-se que essa juventude possa dar continuidade na busca de seus direitos perante a sociedade. Garantido seus interesses como responsáveis pelo o prosseguimento da luta e por tudo que lhe é cabível por conhecer entender as dificuldades do dia a dia. Essas são as perspectivas dos resultados esperados pela a escola e pela a comunidade em geral.

Salienta-se que a escola vive em torno aos conhecimentos que servirão como saberes que irão ser basicamente levados para a vida, no entanto, busca-se a compreensão de que os educandos precisam ser alfabetizados e conscientes de seu papel como indígena em suas comunidades e perante a sociedade, que muitas vezes renegam a existência dos povos tradicionais.

3.2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A educação escolar indígena enfrenta grandes desafios para torna -se uma educação que valoriza as determinações de seu povo, desde o princípio que lutam pela demarcação de suas terras, para garantir seu local próprio de sobrevivência, pois nesse processo se busca o reconhecimento de sua identidade, pelas as autoridades políticas, instituições municipais, estaduais e federais. Esses povos vivem em constante lutas para garantir seus direitos, uma jornada que não é fácil para os primeiros habitantes das terras brasileiras.

“ A escola indígena tem que esta diferenciada no território, na língua, na cultura, se não ela não tem sentido, não nos ajuda em nada. A ideia de fundo da educação escolar indígena e a da construção da autonomia”. (Professor Euclides Pereira ,Macuxi/RR)

Nessa perspectiva observa-se as sociedades indígenas na luta para garantir um sistema próprio de educação, pois embora conste nas leis da educação escolar indígena, que os tratamentos sobre os grupos originários sejam específicos e diferenciados, de acordo com seu processo de ensino-aprendizagem, mesmo assim, ainda sofrem por não serem atendidos e respeitados como deveriam ser. Com isso continua as dificuldades no desenvolvimento dos conhecimentos humano.

Mesmo com tantos desafios os povos indígenas assumem a escola como um espaço de fortalecimento em suas lutas, pois é uma instituição importante e necessária para assegurar efetivamente o direito a um tratamento diferenciado resguardado pelas as leis. Esta instituição é formadora de guerreiros, pesquisadores e defensores de seus direitos e deveres, onde pode-se formar seus próprios advogados, médicos, políticos e etc. Esse é a real investimento dos interesses dos povos indígenas.

“ Embora a educação escolar indígena tenha que enfrentar vários desafios e barreira com relação a discriminação e preconceitos, o que fortalece a luta contra esses desafios é a tomada de consciência, por parte dos professores indígenas, de que a educação é um compromisso de todos(parecer do professor Enilton, Wapixana, RR, 2005, p.44)”.

Com base no autor, os povos indígenas atualmente consideram os professores indígenas uma ferramenta fundamental em sua comunidade educativa. Os professores indígenas devem contribuir na busca de novos conhecimentos e saberes para enfrentar junto as lideranças e comunidade os problemas cotidianos, tendo em suas mentes soluções que fortaleçam o processo de ensino - aprendizagem como prática de envolvimento dos alunos nos diversos acontecimentos.

Ressalto ainda, que o ambiente escolar enfrenta outros desafios como o ensino de cultura que têm por base a oralidade, que de início é a escrita como código a partir do qual a escola institui conhecimentos e verdades, por ser estudados por idosos e lideranças das comunidades que são os materiais diferenciados de pesquisas. Portanto, as escolas mantem essa riqueza de conhecimentos que perpassa qualquer desconhecimento do meio cultural.

“ As dificuldades que vivemos para construir esta escola diferenciada é que não temos livros diferentes. Os que temos são iguais aos da cidade e não falam de nossos povos...Este problema pode ser superado através da produção de livros nossos”. (Prof^a. Maria José Lima, Xukuru/ Penambuco, 2005, p.59)

Destarte, o autor enfatiza que as escolas indígenas passam por uma dificuldade imensa com relação aos materiais didáticos específicos com os conteúdos diferenciados que contem no currículo das escolas indígenas, onde são construídos pelos professores e alunos, através de pesquisas na própria aldeia, mas não são confeccionados como livro didático, e sim como apostilas escritas pelos os próprios alunos, tendo que ser renovadas em cada ano, tornando assim, uma desvalorização de seu próprio material.

Vale salientar que os profissionais da educação buscam apoio junto as lideranças nas instituições que as mantem, com relação a confecção desses materiais, mais até então, não houve nenhum interesse em organizá-los de maneira adequada, para que sirvam de

materiais permanentes nas atividades escolares. Sendo valorizado e registrado com mais durabilidade para os trabalhos de pesquisas no dia a dia dos educandos.

3.3 O CURRÍCULO DA ESCOLA INDÍGENA BROLHOS DA TERRA

O currículo da escola contempla e socializa a cultura de nosso povo valorizando os costumes, onde neles prevalece a continuidade da prática de vizinhança, encontros para cotação de estórias nas noites de lua, ao redor de uma fogueira, o ritual de pajelança, os momentos espiritualidades dentre outros. Nesse sentido as crenças vão se construindo de acordo com o repasse das práticas cotidianas.

Vale ressaltar que em meio aos conteúdos enfatiza-se a ancestralidade como um ponto de partida no que se refere ao preconceito diante da sociedade quando se fala de acreditar na força dos encantados, da natureza, as pessoas se mostram com medo, se afastam dos que praticam com uma rapidez como se aquilo fosse fazer algum mal, mas para os indígenas essa força que se busca é uma forma de adquirir união, cura, coragem e acima de tudo proteção.

Sabe-se que nas escolas indígenas mesmo sendo diferenciadas nelas é trabalhado as disciplinas da Base Comum, pois os alunos precisam conhecer não somente sua realidade dentro de sua aldeia, mas ao que se pode enfrentar fora dela como diz a professora, Claudiane Araújo Ferreira, Pankararé, BA que *“o currículo deve estar sintonizado com as mudanças da sociedade, mas não abandonando os costumes, as tradições e a cultura.”*

Entende-se que todos os povos indígenas buscam garantir essa forma de educação, em suas práticas pedagógicas, mesmo com as dificuldades de não terem um prédio escolar para ofertar mais condições ao seu alunado, estão sempre lutando pelas

melhorias e uma educação diferenciada de qualidade, garantida a seu povo com tudo que lhe é de direito. Sendo assim, Florestan Fernandes (1989) e Bartomeu Melià (1979) :

“ afirmam que os povos indígenas possuem espaços e tempos educativos próprios, dos quais participam a pessoa, a família, a comunidade, sendo a educação assumida com responsabilidade coletiva. E ela acontece em processo: ao longo de sua vida uma pessoa está sempre aprendendo. Ela é viva e exemplar: aprende-se pela participação na vida, observando e agindo. Os mesmo autores afirmam, também, que o fundamento da educação indígena é a tradição e a memória coletiva atualizada nas palavras dos mais velhos. (Florestan Fernandes (1989) e Bartomeu Melià (1979))”

Nesse sentido, as gerações mais novas, para aprender são estimuladas a participar das ações cotidianas, realizando trabalhos coletivos e vão assumido responsabilidades desde cedo em sua comunidade. No entanto, muito dessas experiências são repassadas em aulas teóricas e práticas nas escolas indígenas, para que a organização curricular e as práticas escolares sejam construídas aos anseios de cada povo indígena.

O currículo diferenciado busca manter uma estrutura que possa abranger as necessidades de cada povo indígena, sem deixar de vivenciar cada experiência, cada momento de espiritualidade e práticas pedagógicas. Como acrescenta os (professores Xavante, Mt.2005, p.61). “A escola caminha ao lado de nossa cultura, para que possamos ter conhecimento da realidade e afirmar o conhecimento de outros, exteriores.”

A escola indígena tem seu currículo de produção cultural e social, onde se formam ações coletivas, sendo que a escola tem autonomia para organizar uma integração entre as reais necessidades da unidade escolar e as Diretrizes Curriculares Nacionais, mantendo sempre em vista que é direito das novas gerações apropriar-se do conhecimento acumulado historicamente, instruindo o aluno a dar continuidade na busca de compreender sua realidade e atuar nela como multiplicadores de novos conhecimentos tradicionais, modificando-o de acordo com seus conhecimentos próprios.

...As tradições culturais , os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, os pensamentos e as práticas religiosas, as apresentações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro , enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas é na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngue em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificados, construindo assim, um quadro de bilinguismo simbólico importante(MEC, 2004, p.25)

Nesse sentido, vale ressaltar que a educação indígena possui vários elementos que as diferenciam da escola convencional, o currículo os rituais de pajelança, as histórias, a caracterização, as pinturas corporais, as formas de se relacionar com a natureza e os elementos de ancestralidade dentre outros. A escola indígena tem um papel de fundamental importância para o desenvolvimento da comunidade com o dever de atender as perspectivas da mesma que ainda se encontra em entendimento do real papel da escola dentro da comunidade e do movimento em si.

No currículo se produz significado e sentido sobre vários campos e atividades sociais. Na Escola Indígena Brolhos da Terra no que se refere ao referencial teórico metodológico da ação curricular a mesma trabalha seus planejamentos coletivo mensal e semanalmente por área de aprendizagem, as disciplinas obrigatórias como: Artes, Educação Física, Ciências Naturais e Humanas, geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática, além das disciplinas diferenciadas(Cultura Indígena, Espiritualidade Indígena, Expressão Corporal, História Tremembé e Legislação).

Nesta escola também é trabalhado a interdisciplinaridade, nos reforços, dentro dos conteúdos no momento das aulas, como em projetos que buscam a comunicação entre as disciplinas. Assim pode-se observar nas palavras do professor Kaingang e Guarani, PR. “ O Currículo deve ser elaborado seguindo os conhecimentos tradicionais da comunidade, sempre associado ao conhecimento de outras culturas, de forma integrada.”

Essas formas de educação tradicional podem e devem contribuir na formação de políticas e práticas educacionais apropriadas, pois os períodos de ensino – aprendizagem juntam -se aos espaços e momentos respeitosos e naturais, onde a escola não deve ser vista como o único lugar de formação, a população também possui sua sabedoria e capacidade para atender aos interesses e necessidades diárias da realidade atual.

Dessa forma acredita-se em uma organização que busca envolver esses princípios entre os povos indígenas, como apresenta o RCNEI que a educação se assenta em que lhes são próprios, dentre os quais:

uma visão de sociedade que transcende as relações entre humanos e admite diversos “ seres” e força da natureza com os quais estabelecem relações de cooperação e intercâmbio a fim de adquirir – e assegurar – determinadas qualidades;

valores e procedimentos próprios de sociedades originalmente orais, menos marcadas por profundas desigualdades internas, mais articuladas pela obrigação da reciprocidade entre os grupos que as integram;

noções próprias, culturalmente formuladas (portanto variáveis de uma sociedade indígena a outra) da pessoa humana e dos seus atributos, capacidades e qualidades;

formação de crianças e jovens como processo integrado; apesar de suas inúmeras particularidades, uma característica comum às sociedades indígenas é que cada experiência cognitiva e afetiva carrega múltiplos significados – econômicos, sociais, técnicos, rituais, cosmológicos.

Dessa forma como foi citado em um dos capítulos anterior que esta é uma escola comunitária porque é conduzida pela comunidade indígena e organizada de acordo com seus valores, projetos, princípios e suas concepções. Isto se refere tanto aos modos de administrá-la quanto ao currículo, dando aos responsáveis a liberdade de decisões quanto a organização escolar como um todo.

Nessas condições, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, apresenta um dos fundamentos da educação escolar indígena referente ao reconhecimento da comunidade educativa indígena, pois, conforme o RCNEI, ela

...Possui sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros ;são valores e mecanismo da educação tradicional dos povos indígenas(...) que podem e devem contribuir na formação de uma política e práticas educacionais adequadas (BRASIL.MEC, 2005a).

Entende-se que o índio tem suas formas próprias de produzir conhecimentos específicos dos valores que seguem as sabedorias nativas e as tradições que carregam ao longo dos anos. No Brasil esses povos são ainda criticamente desvalorizados, mesmo com a real existências das tribos indígenas, mesmo conhecendo a história do Brasil. Os indígenas tentam mudar o que parte da sociedade acredita, mas existe muitas resistências e renegação de sua própria origem.

Atualmente as tentativas tem sido tantas mais o desenrolar da história foi bem conduzida que as pessoas não conseguem acreditar, mesmo conhecendo os povos, vivenciando suas realidades, na cabeça ainda é aquele índio que anda nu, come cru, esse modelo de consciência ainda perdura, mesmo sendo desmitificada por grandes estudiosos e pelos os verdadeiros donos da história.

Portanto, o direito à educação escolar diferenciada de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena aponta:

...A instituição escolar ganhou, com isso, novos papéis e significados. Abandonando de vez a perspectiva integracionista e negadora das especificidades culturais indígenas, a escola indígena hoje tem se tornado um local de afirmação de identidade e de pertencimento étnico. O direito à escolarização nas próprias línguas, a valorização de seus processos próprios de aprendizagem, a formação de professores da própria comunidade, a produção de materiais didáticos específicos, a valorização dos saberes e práticas tradicionais, além da autonomia pedagógica, são exemplos destes novos papéis e significados assumidos pela escola. (DCNEEI, 2012 p.357)

Nesse sentido acredita-se que as escolas indígenas assumem um espaço estratégico no processo cultural das terras indígenas, garantindo o seu modo de viver, pensar, ser e produzir significados específicos para cada povo. Vale salientar que a escola é

um local onde as pessoas da própria comunidade mantem uma qualidade de vida sustentável, através dessa conquista que vislumbra o movimento que nasce dentro das comunidades indígenas.

Portanto, é necessário que juntos possam assegurar essa educação específica, onde os alunos não sofram preconceitos dentro do seu local de aprendizagem, pois já sofrem bastante na sociedade ao seu redor e isso torna momento constrangedor, deixando muitas vezes pessoas revoltadas e outras sem estímulo algum de viver. Precisa-se garantir os aspectos que favoreçam o movimento em si e uma educação de qualidade.

Sabe-se que para obter uma melhoria muitos dos indígenas sofrem agressões pelos os posseiros das terras e muitas vezes pelo o seu próprio povo que não se aceitam ou se identificam como tal, essa é uma situação dolorosa pois muitos desses estão entre irmãos, primos, tios, marido, esposa e etc. E a luta continua pela saúde, educação e principalmente pela demarcação de suas terras.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA COM PROFESSORES E NÚCLEO GESTOR NA ESCOLA INDÍGENA BROLHOS DA TERRA

Será mostrado a seguir o resultado de uma pesquisa qualitativa realizada com professores e Núcleo Gestor da Escola Indígena Brolhos da Terra, na Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca-Ceará, com o intuito de conhecer como é trabalhado as disciplinas específicas e diferenciadas, integrando-as com as da Base Comum em seu currículo diferenciado e como acontece a integração da cultura em seu processo educativo na sala de aula.

Contou-se com 05 professores e as perguntas foram abertas. Assim, cada um pôde expressar a sua opinião pessoal.

Por questões éticas não foram usados nomes dos professores pesquisados. Ao invés disso atribui-se a letra P simbolizando a palavra professor, acompanhado de números de 01 a 05, para identificá-los. Por exemplo, o entrevistado P1 representa o professor número 01.

Na primeira questão perguntou-se: “ Você acredita que o currículo da Escola Indígena Brolhos da Terra, satisfaz as necessidades da comunidade? ”

Os professores pesquisados mostraram que o currículo satisfaz sim as necessidades da escola/comunidade, pois o currículo é parte importante de uma escola, que é através dele que se tem a consciência do que se deve trabalhar o aluno, para assim transformar ele em um cidadão capaz de atuar dentro e fora da sua comunidade. Embora muitas vezes limitam-se aos livros didáticos, esquecendo um pouco o uso dos conteúdos voltados a sua realidade.

Acredita-se que o professor, além de exercer uma função qualificada em relação ao ensino- aprendizagem como instituição escolar, também proporciona o ensino diferenciado. Sendo assim, a comunidade contempla-se nos termos de atividades como: Modalidades indígenas, grafismo (pinturas corporais indígenas), Projeto Dia do Índio, as pascérias da escola e comunidade nas demais atividades que juntos realizam anualmente. A seguir um importante depoimento: “Acredito que o currículo da nossa escola supera as expectativas da comunidade, muito embora a comunidade perceba e participe muitas vezes inconscientemente desse processo. ” P4

Observou-se pelo o comentário que a escola organiza atividades que envolve a comunidade, mesmo que muitas pessoas não entendam a real integração de parceiras entre escola e comunidade, mas que se mantem presentes em seus momentos de atividades práticas e em suas aulas coletivas. Ressalto ainda que nesse processo de ensino busca-se dentro da didática escolar os saberes dos mais velhos da comunidade que se mantem assegurado dentro das disciplinas que compõem o currículo da escola.

A segunda questão perguntou-se: “ Esse currículo está inserido no contexto escolar? ”

Todos os professores responderam que sim, pois dão o melhor de si para repassar a história de seu povo, os costumes, as crenças e tradições, para satisfazer as necessidades dos alunos e comunidade escolar. Portanto, não conseguem ver o currículo fora do contexto escolar, tendo em vista que o mesmo é ferramenta indispensável e indissociável desse contexto educacional.

Outro depoimento importante foi o de P2, quando disse que “ A relação da escola e comunidade, proporciona uma junção de parceria que facilita o entendimento em relação ao contexto escolar e comunidade. As atividades e métodos de ensino escolar promove e exerce ações que se apresentam no currículo escolar. ”

Acredita-se que essa afirmação do que se realiza nas atividades e métodos envolve a forma diversificada de ensino nas práticas dos conteúdos que se fixam com base nos conhecimentos de seu contexto escolar, garantindo aos alunos uma aprendizagem de qualidade, que os levem a perceber a importância que se tem em aprender ensinando, pois, essa prática acontece nas aulas que é um momento de troca de conhecimentos, entre aluno e professor.

Na terceira questão perguntou-se: “ A escola trabalha isoladamente ou se faz um contexto geral com as demais culturas?”

Todos os professores responderam que se faz um contexto geral com as demais culturas, pois a escola além de trabalhar sua própria cultura, trabalha também a cultura de outros povos, sendo que o foco principal é priorizar a de seu povo, dentro e fora da escola. Esse processo se dá por meio do envolvimento e embasamento com as demais culturas, tendo em vista que é mais importante e indispensável, ao contrário disso o etnocentrismo

tomaria conta das concepções pedagógicas e curriculares. Um depoimento que mostra exemplo de sua realidade a seguir:

“Além da escola trabalhar com a cultura tradicional do nosso povo Tremembé, ela também contextualiza no ensino, nas práticas e na escrita as demais culturas populares, exemplo de atividades realizadas na escola, é o projeto sobre a “Consciência Negra”, estudo dos festejos católicos, evangélicos dentre outros. Também seu modo de vida, culturas e a religiosidade de cada um.” P2

Nesse sentido, acredita-se que as escolas devam trabalhar e fazer com que seus alunos entendam as diversidades de culturas existentes para que as pessoas aprendam a respeitar as diferenças. Isso faz parte da busca através das aulas de pesquisas para facilitar a compreensão desses conteúdos que envolvem o uso das culturas, colocando sempre a realidade do aluno como exemplo de valorização da sua e das demais culturas existentes em seu meio. Foi o que se observou no comentário a seguir:

“A escola indígena trabalha sim, em primeiro lugar com a nossa realidade, o nosso legado cultural, sem deixar de ensinar as diversidades culturais, pois estamos formando alunos para atuar dentro e fora da comunidade.” P3

Portanto, entende-se que todos trabalham preocupando-se em fazer o melhor para os alunos buscando sempre melhorar a qualidade de ensino, mostrando maneiras de como se comportar dentro e fora de seu ambiente escolar, respeitando e praticando seu modo de vida, tentando facilitar sua vivência de acordo com as realidades em geral. Sabe-se que esse processo de ensino não é tão fácil, pois requer sempre mais dos professores que são exemplos para seus alunos e comunidade.

Na quarta questão perguntou-se: “ Como se dá essa valorização da cultura através do currículo? ”

Os professores responderam que é através da inserção de disciplinas diferenciadas e específicas no currículo; Metodologias diferenciadas; Valorização dos guardiões da sabedoria; por meio de aulas teóricas e práticas, onde os professores antes de tudo devem conhecer a história de seu povo, o movimento indígena, seus direitos e deveres, para poder repassar para os alunos. Como acrescenta o depoimento a seguir:

“Através da interdisciplinaridade, o professor faz a integração das disciplinas específicas com as outras áreas de conhecimento, com o propósito de promover uma complementação entre o aluno, o professor, o cotidiano e o meio em que os mesmos estão inseridos.”
P5

Vale ressaltar um outro fator importante, que é a valorização da cultura indígena no contexto escolar como por exemplo: Todos os dias em todos os turnos, as aulas iniciam com o ritual sagrada (torem), fortalecendo a cultura e espiritualidade de seu povo. No Projeto Dia do Índio que se junta a comunidade em geral, em feriados tradicionais e nas noites culturais. O comentário a seguir complementa que: “Através de um currículo diferenciado abrange-se todo contexto histórico do nosso povo Tremembé, onde nos sensibilizamos da importância do mesmo para o crescimento escolar indígena. ” P1

Nesse sentido, a escola valoriza junto aos alunos a sua própria identidade étnica, como os valores dos antepassados, os saberes dos guardiões da memória (os mais velhos), rezadeiras, parteiras e curandeiros., apresentando assim, a correlação com as novas tendências educacionais da Base Comum, para facilitar o aprendizado com relação sua visão de mundo.

Na quinta e última questão perguntou-se: “ Como acontece a integração das disciplinas diferenciadas com as da Base Comum? ”

Os professores responderam que acontece por meio da interdisciplinaridade, flexibilidade curricular, a qual abrange-se aos conhecimentos tradicionais, as metodologias

voltadas para o currículo tanto nas disciplinas diversificadas como nas da Base Comum. Também de formas contextualizadas, os conteúdos da base comum devem ser ensinados de forma que os alunos compreendam e saibam como se aplica ou a vivência na prática. É o que se apresenta no relato a seguir:

“As disciplinas diferenciadas requer muita atenção no processo de ensino, trabalhar o ensino voltado a cultura, os costumes, as tradições nas práticas das atividades realizadas. Executando a prática também vem o ensino da escrita, leitura, interpretações textuais e demais contextos das outras disciplinas que formam o currículo escolar, ou seja, acontece a prática e complementa com a didática, pois é um dever realizar e aprender as tradições culturais do povo Tremembé e a sua didática.” P2

Concorda-se com esses professores, pois os alunos precisam entender o que fazer com esses conhecimentos levando em conta que os conhecimentos tradicionais vem complementando aos que já é seu por vivenciar no seu dia a dia. As demais disciplinas servem para atuar dentro e fora de sua comunidade, pois a partir desses conhecimentos que se busca formar índios em advogados, enfermeiras, policiais, políticos dentre outras, para contribuir no fortalecimento e andamento dos processos de seu povo que se arrastam na justiça.

Esse é um dos maiores objetivos dos povos indígenas em formar o seu povo para ver se a situação melhora, diante de tantas dificuldades, essa é a esperança que ainda resta, que é na juventude para ajudar os demais na luta pela garantia da terra e de seus direitos e deveres. Portanto, os que estão se formando precisam procurar adequações para complementar seus conhecimentos e não esperar que saia da escola pronto. A escola é o ensino o básico para o desenvolvimento pessoal cabe cada pessoa com sua capacidade ir bem mais além.

Sabe-se que os conhecimentos aprendido serve para a vida, no entanto, as pessoas o abandonam como se aquele conhecimento não a servisse, visto que os procedimentos acadêmicos tornam-se muitas vezes um esquecimento, por falta de incentivo dos governantes, sendo que muito dessas pessoas buscam um outro caminho que não a

leva para uma boa vida, as vezes por necessidade de uma oportunidade que não teve, diante daqueles anos de dedicação em seus estudos.

Portanto, as escolas indígenas tentam mudar essa visão dando oportunidade de emprego aos jovens de sua própria comunidade, se os mesmos estiverem de acordo com os requisitos impostos pela a mesma, para que não saiam de suas aldeias. Vale ressaltar que mesmo assim, muitos ainda vão para as cidades em busca de melhoria de vida, tendo em vista que as oportunidades que surgem não contemplam a todos. Isso muitas vezes prejudica com relação ao envolvimento com outras culturas que não sejam a sua, mesmo sendo trabalhado no dia a dia da escola, muitos ainda esquecem de sua própria cultura, ou seja, sua identidade.

4.1 DADOS COLETADOS

ORAÇÃO DOS TREMEMBEZINHOS

Nós tremembezinhas acreditamos

Na força da mãe terra

Na força da natureza

Na força dos nossos encantados.

Por isso te pedimos senhor Deus,

Nosso pai Tupã

Que proteja a nossa terra,

As nossas matas,

Os nossos animais

E a nossa vida

Assim seja!

Nós somos índios eu sou

Nós somos índio eu sou (Bis 2x1)

Estamos lutando não paramos de lutar

Com a nossa luta

Arrumemos a saúde e educação

E também nossos direitos para nós ganhar o pão

Vamos lutar meu povo, vamos lutar meu povo

Que essa luta ela não é fácil não

Vamos lutar meu povo, vamos lutar meu povo

Que essa luta não é brincadeira não

Com a nossa luta arrumemos a saúde e educação

E também nossos direitos para nós ganhar o pão. (bis)

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho foi abordado pesquisas que tratam dos processos de organização, integração e efetivação de práticas pedagógicas realizadas na Escola Indígena Brolhos da Terra, para perceber como é trabalhado o currículo nesta instituição e como os professores indígenas englobam os ideais propostos para a educação escolar indígena.

Nesta pesquisa observou-se, que por parte dos professores buscam sempre aperfeiçoar sua formação acadêmica, através das vivências e práticas de sua realidade e dos conhecimentos trazidos por si próprios. Sabe-se que a formação é um caminho para melhorar a qualidade de ensino-aprendizagem e isso não se constrói sozinho, precisa ser reforçado com conhecimentos precisos. Conhecimentos esses que sejam próprios de sua realidade e das demais que envolvam toda a sociedade, garantindo respeito com as diversidades.

Atualmente, a educação vem exigindo um ensino de qualidade, mesmo tolerando a desvalorização do professor, o mesmo precisa estar preparado o suficiente para atender as demandas que lhes são dotadas, por que os alunos necessitam melhorar o baixo nível de aprendizagem divulgado recentemente, os alunos do Ensino Médio com baixo índice de aprendizagem e isso é muito preocupante.

Verificou-se que os professores buscam a integração nas aulas diferenciadas com as da Base Comum, oferecendo novas formas de aprender os conteúdos específicos de seu povo, mostrando através de sua atuação em sala de aula, como utilizar a teoria e a prática, dando novas visões do que é o saber das diversas culturas na aprendizagem.

Observou-se também que a escola trabalha a valorização étnica local, dando importância aos valores repassados de geração a geração, que até hoje se mantem no currículo, pois as escolas indígenas são frutos de uma luta que se reflete diretamente no contexto escolar, sendo que não existe escola sem o movimento e nem o movimento sem a escola, por que os dois andam juntos, na busca um do outro, para manter-se firmes. As escolas indígenas afirmam a existência dos povos indígenas em seu modo de ensinar e aprender, resgatando e valorizando seus conhecimentos em suas práticas pedagógicas.

Vale ressaltar que a escola trabalha de forma contextualizada com as demais culturas, até porque os povos indígenas de hoje não vivem isolados como a anos atrás. Entretanto, faz-se necessário esses novos conhecimentos para facilitar o aprendizado e as relações fora do seu território habitacional, para que os mesmos possam lutar e defender seus direitos e deveres.

Portanto, de acordo com os dados coletados nesta pesquisa conclui-se que o ensino de cultura no processo educativo das escolas indígenas está sempre envolvido no dia a dia dos alunos. Entretanto, é trabalhada dentro dos conteúdos que se estuda nas teorias e nas práticas pedagógicas da escola. Utilizando uma metodologia que envolve sempre as pesquisas, que é através delas que se encontra os métodos que facilitam a compreensão dos educandos.

REFERENCIAS

BONIN, Iara Aparecida. **Educação Escolar Indígena e Docência: Princípios e Normas na Legislação em Vigor.** 2ª ed. Porto Alegre, p.33, 2012.

Brasil. Ministério da Educação. Referenciais para a Formação de Professores Indígenas/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD /MEC – Brasília: MEC. 2ª ed. p.13, 2005.

Brasil. Ministério da Educação. Referenciais para a Formação de Professores Indígenas/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD /MEC – Brasília: MEC. 2ª ed. p. 23-24, 2005.

FERREIRA, Geraldo, Veloso. **Educação Escolar Indígena: As Práticas Culturais Indígenas na Ação Pedagógica da Escola Estadual São Miguel Jaguaretê(AM)** 2007. <http://www.sapientia.pu>

csp.br/tde_arquivos/11/TDE20080103T06:30:37Z4687/Publico/Ge

[raldo%20Veloso%20Ferreira%20desp%20\(sem%20o%20anexo%20V\).pdf](#). Acesso em 14 de Abril de 2017

GRUPIONI, L.D.B. **Formação de Professores Indígenas: repensando trajetórias.** Brasília: Ministério da Educação Continuada, alfabetização e diversidade, 2006.

Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- Brasília MEC/ SECAD 2005,p. 23-25.

Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- Brasília MEC/ SECAD 2005,p.44.

TASSINARI, A.M.I. **Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação**. 2001, p.46.

O Currículo na Educação Escolar Indígena : uma análise de pesquisas

<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/viewFile/2059/1798>. Acesso em 14 de Abril de 2017